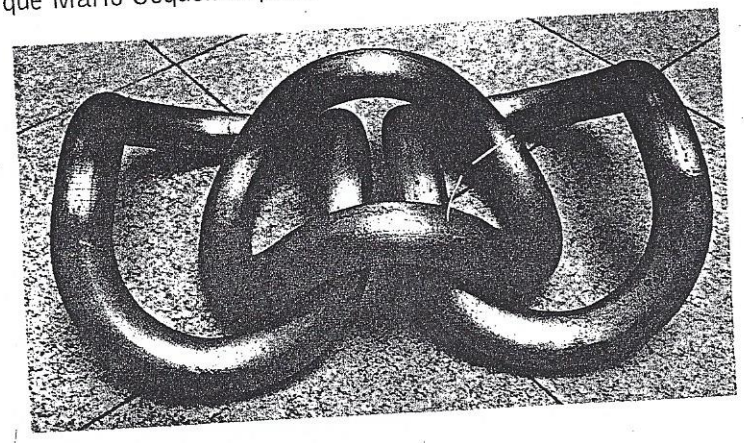
2000: O ANO DE REFLEXÃO DA ARTE EM PORTUGAL

De vários modos, especificamente conceptuais, para os "papas" que querem ser obrigatoriamente os donos da arte nacional, no respeitante a artes plásticas em Portugal, "2000 foi o ano do sucesso da retrospectiva de Andy Wharol em Serralves", esplendidamente secundado por uma outra exposição de obras do mesmo criador que Mário Sequeira apresentou na sua galeria, em Tibães, Braga.



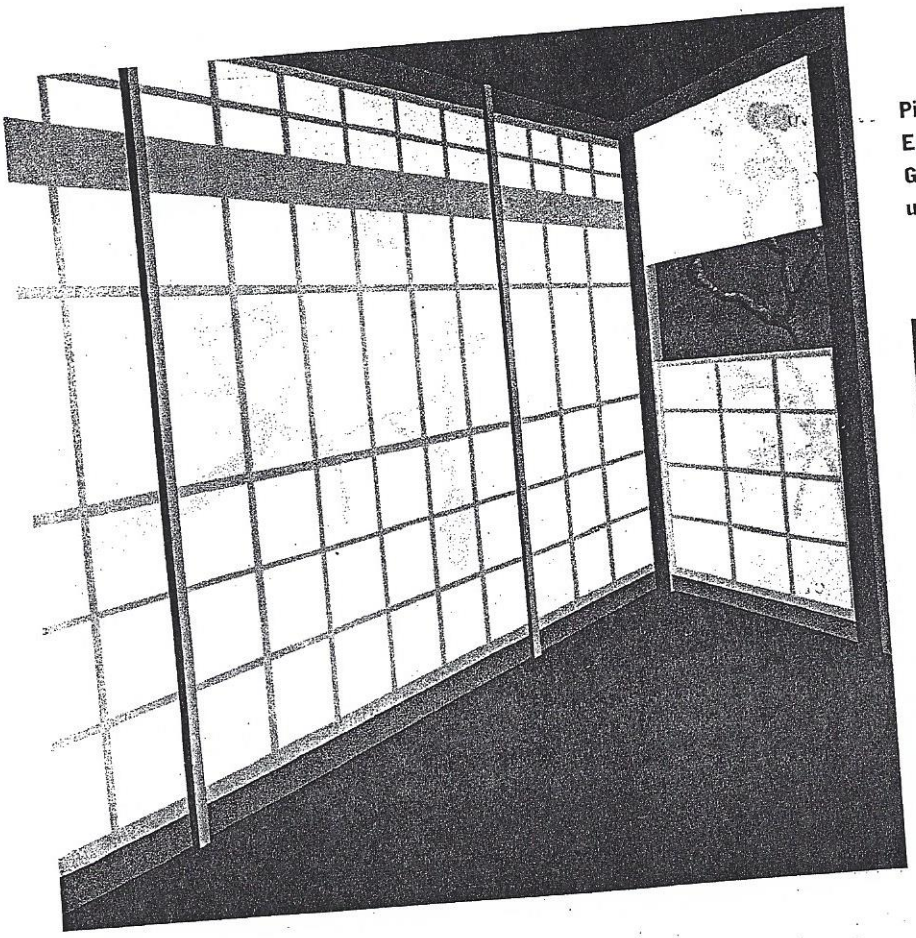
■ **Rodrigues Vaz**

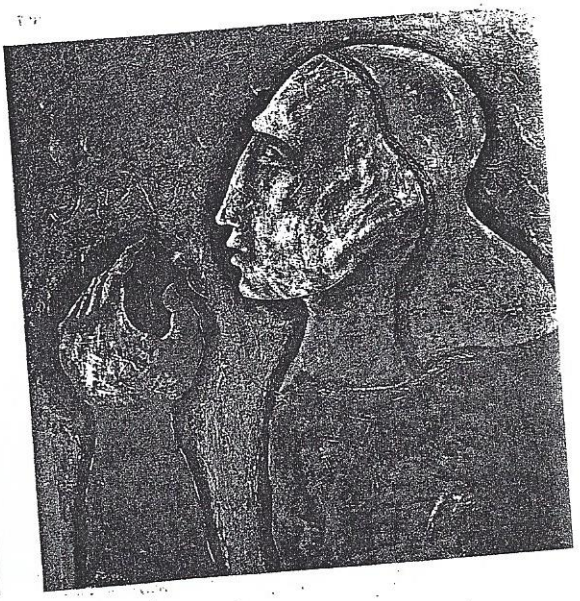
A outra surpresa, se calhar, foi a exposição de escultura que Manuel Patinha apresentou na Mitra, Lisboa, no final do ano, coroando um percurso que se tem vindo a desenrolar com grande desenvolvimento na península Ibérica.

Mas, enquanto a mostra de Wharol levou mais de 80 mil visitantes ao Museu de Arte Contemporânea de Serralves, o que é de assinalar num meio onde a arte continua a ser para apenas umas centenas de diletantes, a exposição do artista luso-galego nem chegou a ser vista por essas poucas centenas de diletantes, por razões naturalmente óbvias que têm a ver, sobretudo, com a ausência de estratégias de divulgação que alguns dos nossos espaços artísticos oficiais continuam a revelar.

No caso de Wharol, o vago ressurgimento de um certo "pop" poderá ser suficiente para explicar a curiosidade que gerou e também porque se trata de um nome desde há vários anos muito mediático, que, a vários níveis, se tornou uma figura incontornável da arte contemporânea pelo oportuno aproveitamento do quotidiano e da própria mediatização, que utilizou de maneira assaz hábil, não só pelo trajecto de ruptura que conseguiu em vários planos, mas também pela qualidade gráfica e visual que soube imprimir a toda a sua obra nas múltiplas facetas que experimentou e com que provocou muito establishment mais conservador. Quanto a Manuel Patinha ter passado quase despercebido, aconteceu o que era de esperar, nas circunstâncias que temos: não é do meio lisboeta, está tudo explicado, apesar de contar com um trunfo como foi a sua apresentação pelo crítico João Lima Pinharanda, bem secundado pela crítica galega Pilar Corredoira, que conclui assim a sua apreciação: "Nesse território limitado que tem provocado novos e inesperados conceitos, mas numa equilibrada combinação com a tradição contemporânea, pode situar-se a obra de Manuel Patinha – que sem renunciar ao legado de um passado não distante mas ainda presente, deixa aberto o campo para continuar a alcançar horizontes que se incorporarão ao objectivo dos seus sonhos".

Enfim, por mais loas que se entoem, especialmente à Feira de Arte Contemporânea de Lisboa, que agora se convencionou apoiar de todas as formas (e ainda bem), fora mais três ou quatro excepções – a Mostra Antológica de Cruzeiro Seixas na Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão, a retrospectiva de Dubuffet na Culturgest, e a de Man Ray no Museu do Chiado - a verdade é que 2000 foi, de certo modo, nas artes plásticas em Portugal, um ano de reflexão, que por vários factores exógenos até acabou por ser bastante





Pintura de José Lourenço, na Galeria Ara. Em baixo, pintura de João Ribeiro, na Galeria Almadarte. Na página anterior uma escultura de Manuel Patinha

movimentado no aspecto comercial, reflectindo o cada vez mais positivo comportamento dos leilões, que acabaram o ano em significativa alta, o que pode ser benéfico visto poder começar a atrair mais os médios investidores, que, mercê de vários erros recentes, derivados de mau profissionalismo de alguns galeristas e ditos "marchands", estavam um tanto ou quanto desconfiados com o investimento em arte.

Apoio aos novos

Saudemos, entretanto, neste começo de ano e de milénio, o apoio que galerias como a Ara e a Barata, de Lisboa, prosseguem no seu afã de ajudar a despontar gente nova, com vista a renovar a criatividade. Aquela apresentando a exposição de José Lourenço intitulada "Os teus segredos eram jardins"(Até 2 de Março), curiosos exercícios sobre o espaço e as implicações da perspectiva, numa proposta cheia de inovações processuais enriquecida por uma linguagem aparentemente cheia de evidências, mas onde se esconde toda uma floresta de labirintos, esta apresentando a primeira exposição individual de Ana Sério(Até 14 de Fevereiro), vencedora do Prémio de Pintura João Barata 2000, sobre quem Fernando Azevedo escreveu: "Distingue-a, porventura, o manejo de uma alegria no acto de pintar... e quando a cor se faz desenho e a luz, principalmente a luz, dá peso, substância e realidade à forma acontecida. De outra maneira, é também esta pintura, sem dramaticidade aparente, uma compreensão do mundo, uma preenchida atitude perante a vida".

Por sua vez, a Galeria Almadarte, Costa da Caparica, continua a apresentar, até ao próximo dia 26, uma exposição de João Ribeiro, subordinada ao título "A Rua com a mãe escondida", pintura modelada por brumas ondulantes suavizadas por um curioso expressionismo formal, onde o importante – além da cor, caracterizada por uma grande sobriedade, onde predominam os azuis e os ocres, como fundos, são as transparências visíveis dentro do ovo-arquétipo, princípio e fim, a que uma paleta carregada de tonalidades suaves, matizes e sombras, empresta um encanto muito especial.

Configurando desde 1987 um discurso em que a cor é a essência, João Ribeiro revela cada vez mais, as suas capacidades de organização e sentido do desenho, traçando com nervo a estrutura num espaço à medida dos elementos, a que acrescenta uma notável habilidade técnica e formal, abrindo dimensões de encantamento à temática das origens, partindo do princípio de que o ovo é a miniatura ideal do universo, porque nada é exterior ao homem e a sua cabeça – evidentemente, de forma ovóide – é, por sua vez, uma das suas representações mais directas. ■